

Educação e turismo também dependem do transporte coletivo

Sérgio Magalhães Garschagen
da Editora de Cidade do
Jornal de Brasília

O Detur anuncia mil e uma atividades para tirar o brasiliense de sua cômoda posição doméstica, com o interesse voltado ao desenvolvimento do turismo interno. Afinal, uma cidade vazia e sem vida só interessa aos turistas dispostos a uma estação d'água, coisa que o Paranoá não oferece. Nem oferecerá.

Aqui e ali, bandas de música tocam furiosamente sobre coretos, tentando despertar na população velhas lembranças das suas terras, imitando a mesma praça, os mesmos bancos, as mesmas flores e os mesmos jardins. A cidade grande, moderna, futura e administrativa quer cativar os seus filhos e, paradoxalmente, transforma uma superquadra ou um gramado monumental numa pracinha interiorana.

O secretário da Educação e Cultura, preocupado com a falta da educação e da cultura no Distrito Federal, afirmou que a melhoria do ensino só ocorrerá com o desenvolvimento e melhoria do transporte coletivo. Inconscientemente, Murtinho mostrou o caminho que o Detur deve trilhar para que os brasilienses sigam os seus passos e, conscientemente, reconhece a importância do transporte coletivo como fator de desenvolvimento cultural de uma comunidade.

O próprio diretor do Detur, Carlos Black, em entrevista coletiva, disse desconhecer e não entender esta não participação dos habitantes de Brasília na vida da cidade.

Ambos os assessores governamentais tocaram no calcanhar de Aquiles de Brasília: o transporte coletivo. E o próprio governador Elmo Farias, em sua conferência, no Senado Federal, afirmou que o problema está na falta de rotatividade dos passageiros.

Em qualquer cidade do país, disse o governador, os passageiros estão sempre se renovando a cada ponto de ônibus. Em

Brasília, o usuário pega o ônibus e só desce na Rodoviária.

Uma vez que o governador comparou Brasília com outras cidades, o problema fica mais fácil de entender. Assim, no Rio (ou em Cariri) quando há um jogo de futebol, todos podem pegar um ônibus e parar na porta do estádio. Em Brasília são necessários dois ônibus, duas esperas na parada e, o que é pior, duas tarifas a serem pagas.

Assim, pode-se afirmar, com certeza, que o único meio de transporte coletivo que funciona em Brasília são os elevadores. Ou a televisão, que "transporta" o brasiliense para outras cidades e outros programas organizados talvez por departamento de turismo situados a mil quilômetros de distância, sem baldeações e sem esperas.

Organize-se o transporte e haverá uma participação maior.

Ainda em sua conferência, o governador, usando dados técnicos, disse que a média de passageiro/viagem em Brasília é baixa: 65,6. O ideal, conforme os técnicos, são 70 passageiros/viagem, embora a lotação dos ônibus normalmente seja de 40 passageiros sentados. Então, chega-se à conclusão que para os técnicos, 30 pessoas devem, em Brasília, ficar em pé nos coletivos. Mesmo que tenham de pegar dois ônibus, como acontece normalmente.

Aliás, técnicos locais (mesmo com a média baixa de passageiro/viagem anunciada) acharam que poderia ajudar as estatísticas: tiraram metade dos bancos dos coletivos da W-3 Sul e deixaram grandes "clareiras" no interior dos ônibus, para que caiba o dobro de gente. Como o movimento na W-3 Sul é grande, ao invés de se aumentar o número de ônibus, diminuiu-se o número de cadeiras.

De qualquer modo, paciência e voto de confiança nunca é demais. Assim, devemos esperar a implantação do sistema pré-metrô interligando as cidades-satélites com o Plano Piloto, o que poderá resolver o problema do Detur e da Secretaria de Educação.